

6-11-96 OÁSIS DE PAZ



Vidas sem ação: Agadir (E) diz que os moradores pararam de andar com facões

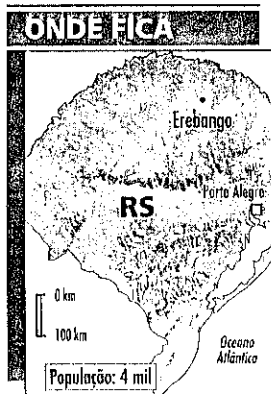
Até a polícia ignora que Erebangó tem DP

Os índios de uma reserva criam os principais problemas

A resposta da telefonista do Palácio da Polícia Civil, em Porto Alegre, vem em tom de certeza: não há registro de delegacia em Erebangó, na região do Alto Uruguai, que fica a oito quilômetros de Erebangó, moradores confirmam a informação: a delegacia mais próxima é a de Getúlio Vargas. Em Erebangó, moradores indicam como única força policial do local o grupamento da Brigada Militar. No alto da Rua Cristiano Laiser, porém, a casa de madeira que já abrigou uma escola hoje é uma quase anônima Delegacia da Polícia Civil, inaugurada em novembro do ano passado.

Apesar de muitos desconhecerem a existência da DP, o inspetor Agadir André Zys, 23 anos, revela um dado positivo: desde a instalação da delegacia, as ocorrências envolvendo brigas e arruaças diminuíram. Além deste tipo de registro, o cotidiano de Agadir e do investigador Orion Gonçalves da Silva, 29 anos, é povoado por queixas de maus-tratos dos tarifeiros (homens que trabalham na colheita da erva-mate) e crimes supostamente praticados pelos índios que vivem na reserva Venterra Alta.

Pequenos cadeados colocados nas portas dos dois banheiros da delegacia indicam que o local também é usado como xadrez provisório. A auxiliar-administrativa Marli Bikoski conta que quase todo final de festa acaba em briga. Se-



gundo o inspetor Agadir, a população tinha o hábito de andar pelas ruas de facão na cintura. "Agora eles estão proibidos", garante o policial. "Quem for pego, terá a arma apreendida."

Neste ano, até o último dia 22, foram feitos 64 registros na DP - cerca de 12 por mês. Para evitar que os números da criminalidade cresçam, os agentes, em parceria com a Brigada Militar - que conta com um

efetivo de sete policiais - costumam realizar blitzes na estrada Transbrasiliana. A estrada vicinal permite que os motoristas desviem e não passem por um posto da Polícia Rodoviária Estadual e de um pedágio. A Transbrasiliana é muito usada por ladrões de carros. "Costumamos apreender carros furtados de Erechim e de Santa Catarina", conta Agadir.

Quanto às acusações feitas pela população contra os índios, os policiais se sentem incapazes de agir. "A polícia não consegue nada com eles pois não vêm à DP." Os indígenas são acusados de agressões contra agricultores e de furto nas lavouras. O cacique-substituto, Maximino Reis, 32 anos, reage às denúncias. "É que os agricultores não nos querem por aqui", explica. "Aí tentam nos agredir e a gente precisa reagir." Quanto aos furtos, Maximino garante que as 124 pessoas instaladas na reserva sobrevivem da venda de artesanatos.

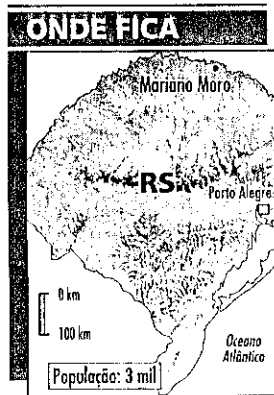
Bebida ameaça tranqüilidade

No feriado em que completava 30 anos, no último dia 22 de maio, o município de Mariano Moro, enterrado entre morros da região do Alto Uruguai, mantinha a mesma aparência dos dias mais movimentados: ruas praticamente vazias, poucos carros e bares cheios. Lotado há oito anos no município de quase 3 mil habitantes, o sargento da Brigada Militar (BM) Francisco da Silva Lessa, 31 anos, sorri para responder sobre a ocorrência de maior violência que já atendeu: embriaguez seguida de lesão.

O ambiente constantemente calmo costuma ser afetado apenas por eventuais brigas de casais, ameaças, lesões e bebedeiras. A Delegacia da Polícia Civil divide o espaço de um antigo prédio cor amarelo-ouro com a Emater, com um cartório de registro civil e com uma Exatoria. Mais do que as ocorrências, o ar úmido do município já causou muita inquietação ao escrivão Ivan Hernandez Braga, 43 anos.

O policial morava nas dependências da própria delegacia com a mulher Beatriz e com o filho Mayquel, na época com seis anos. O frio e a umidade que escorre pelas paredes do local obrigaram Beatriz a se mudar com o garoto, que sofria de fortes gripes e sinusite crônica, para São Valentim. Só quando conseguiu alugar uma casa é que Ivan pôde ter a família de volta. Agora estabelecido na mesma rua onde fica a DP, Ivan conta que em quatro anos de trabalho nunca atendeu a homicídios, não precisou atirar e muito menos prender alguém. A DP sequer tem xadrez.

O grupamento da BM - que tem um efetivo de seis policiais - fica na frente da Praça da Bandeira. Com uma boa visão da cidade, os policiais contam detalhes do trabalho e da vida no município.



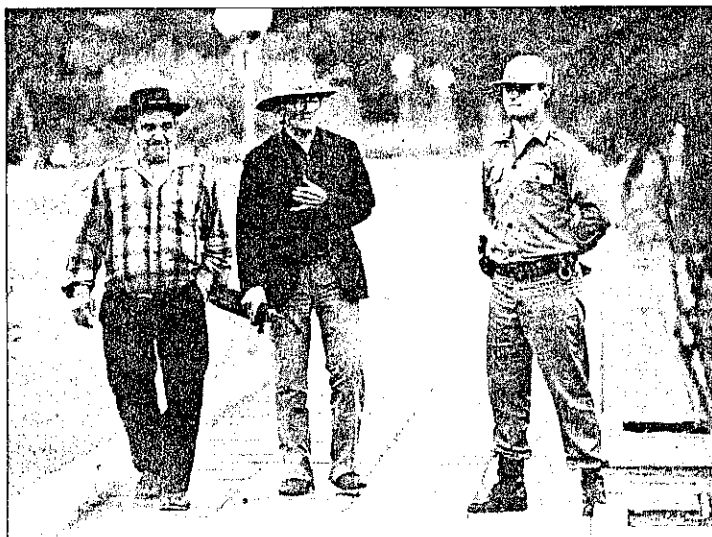
O sargento Lessa garante que em apenas um fim de semana de trabalho em Erechim atende mais ocorrências do que durante todo o ano em Mariano Moro. O soldado Carlos César Cassol também já teve uma experiência longe de casa.

Por 10 dias, Cassol fez um estágio no 9º Batalhão de Polícia Militar (BPM) de Porto Alegre. O soldado ficou lotado numa das companhias responsáveis pelo policiamento do centro da Capital -

considerada a região de maior número de ocorrências criminais no Estado. Ao comentar a aventura, o policial sacode a cabeça e garante: "Meu Deus, aquilo lá (Porto Alegre) é uma loucura". Natural de Mariano Moro, Cassol também nunca sacou o revólver calibre 38, nunca atendeu a ocorrência com morte e reparte com a população o mesmo conceito sobre a cidade: é uma tranqüilidade. "Nunca tiro a chave do painel quando desço do carro", finaliza o soldado.

A cidade renasce a cada segunda e sexta-feira. Segundo os policiais militares, é nestes dias que os agricultores e trabalhadores vão aos bancos e finalizam a caminhada nas mesas dos bares. No final da tarde do feriado do dia 22, Ivo Mocelim, 69 anos, fazia parte do grupo que disputava as mesas da Fábrica de Massas Mocelim para assistir ao jogo entre Ajax e Juventus.

Copo de caipira temperada com arruda numa mão, um olho na televisão e outro no jogo de cartas sobre a mesa, Ivo é um exemplo dos tipos masculinos que lotam os bares: chapéu na cabeça, cigarro na mão, sorriso no rosto. A mulher do dono da Casa de Massas, Bernadete Mocelim, 33 anos, define Mariano Moro em uma frase: "Pelo amor de Deus, isso aqui é o melhor lugar para se viver".



Ronda na praça: Cassol lembra que o estágio em Porto Alegre foi uma "loucura"